





útero-terra-mãe¹

Daiara Tukano

Em abril foi encontrada em Salvador a urna de um parente...

lembrei de uma conversa lá com Denilson Baniwa... comentava do meu sentimento ao ver essas praias pela primeira vez, pensar no momento do começo da invasão... aquele mar aberto de noite por alguns segundos nos contava histórias desse passado... eu confesso que eu não sou muito de mar... Baniwa lembrou dos relatos dos próprios portugueses sobre corpos enfileirados na praia para intimidar os nativos.

... quando vi corpos expostos em museus europeus a primeira vez fiquei muito impressionada... e até recentemente minha sensação é que quando se retira uma urna, se viola um direito a descansar em paz...

sei que essas urnas podem ensinar muito sobre como eram as coisas no passado, mas não sei se eu mesma desejaria que meu corpo um dia fosse tratado com esse tipo de curiosidade. se é para aprender sobre o passado que seja para apreciar o presente.

as urnas indígenas são tratadas como peças do passado, sempre colocadas em museus, caçadas por colecionadores... hoje, não conheço povos que ainda as confeccionem ou utilizem, nem sei se existem pessoas que saibam como fazê-las... certamente muita coisa se perdeu.

me entristece pensar que muitos deixaram de ser enterrados em urnas-útero redondinhas e lindamente decoradas para ser enterrados em caixões, quadrados embaixo de uma cruz... a mesma cruz que foi enfiada nessa terra de salvador há 520 anos...

lembro também da notícia das urnas encontradas em Tefé no Amazonas em 2018... os povos da região de Manaus, inclusive Tukano também usavam urnas. aliás, os pajés e chefes eram enterrados no centro da maloka, como voltando ao ventre da casa-grandemãe, e quando a maloka mudava de lugar, eles acompanhavam e se

¹ Título do editor. O texto é uma reflexão da artista escrito por ocasião da publicação da obra "Semente" em sua rede social: @daiaratukano. À exceção do título, criado pelo editor para fins acadêmicos, foram mantidas a formatação e escrita original do texto para respeitar as marcas "léxico-étnicas" da artista.



mudavam junto... são histórias antigas... que poucos antigos contam hoje mas que um ou dois antropólogo registraram.

quando parei para ver as urnas marajoara estudando história da arte, e fazendo uma reflexão sobre o que foi feito dessa arte-sabedoria-cerâmica, senti uma tristeza desse sagrado adormecido, entorpecido pela colonização e pelo capitalismo.... é que hoje na maiorias dos povos quem faz cerâmica é para vender e sobreviver disso... cerâmica sagrada barro da vovô terra virou artesanato, mercadoria desvalorizada por ser indígena, e foi até perdendo beleza quando foi perdendo seu espírito...

olha lá e veja nas cerâmicas antigas: o amor, a delicadeza, detalhe, zelo cuidado de se preparar uma urna para um ser querido, para seu avô... para que ele descansa num sonho desenhado, colorido, se encante e reencontre com os avôs e todos os outros na festa depois da vida.

o parente foi desenterrado dia 17 de abril, dia internacional da luta campesina e indígena, no meio de nosso abril indígena, da luta e amor de seus netos, foi enterrado como semente e desenterrado como mandioca braba: para entender e apreciar tem que ter conhecimento ancestral, ou só verá a superfície.

nem sei quem vai ler estes meus devaneios sobre a vida a morte e as urnas, mas eu sei que gostaria muito de não deitar em caixão... há de se trabalhar o barro, quero que as urnas acordem de seu sonho, que possamos reaprender a nos conectar com aquilo que elas são: útero-terra-mãe.

Añû